



Curta *Canção Imigrante* traz instrumentistas venezuelanas e percussionista da Costa do Marfim

Quando o audiovisual registra um momento histórico

A produção musical de artistas haitianos no Brasil já foi tema até de um doutorado concluído recentemente na Universidade de Oxford, com bolsa da Fundação Stuart Hall. A pesquisa do etnomusicólogo e historiador Caetano Maschio Santos começou ainda no mestrado em Música na Ufrgs, em 2016. Expoente desse fenômeno, quem jogou para a tela suas vivências e puxou para si o protagonismo do tapete vermelho do *Festival de Gramado*, com destaque, pela primeira vez, foi o compositor Alix Georges. Sediado em Encantado, ele realizou dois curtas-metragens lançados em coautoria com o cineasta gaúcho Henrique Lahude (do premiado *Chibo*).

Fê Mye Talê (Tudo vai ficar bem, logo) registra a diáspora haitiana no Estado e participou da mostra de curtas gaúchos em 2018. Já *Drapo A (Bandeira A)*, em 2002, levou troféu de Melhor Produção Executiva e Menção Honrosa pelo desafio da realização e pela força cênica de Clao Brigile. E quem também participa da trilha de *Fê Mye Talê* é o nigeriano Idôwú Akínrúli, entrevistado da página ao lado, reforçando a importância das conexões nesse cenário cultural. Alix, no longo

período em que morou em Porto Alegre, foi outro trabalhador árduo pelo reconhecimento de sua música. Chegou até a gravar uma versão do *Canto Alegretense* em francês para impulsionar a divulgação do *Música'mente, Vol. 1*, seu CD lançado na Capital em 2017.

Já a produção documental pelotense *Nesta terra não tem mar*, de Manu Zilveti, repercutiu no festival da Serra Gaúcha em 2024, vencendo justamente a categoria de melhor trilha sonora (feita pela atriz Edneia Brazão e por Pedro Erler), do Prêmio Assembleia Legislativa - Mostra Gaúcha de Curtas. No argumento, um casal de jovens imigrantes vislumbra o fim de seu relacionamento das praias de água doce em meio ao inverno gaúcho e as saudades do oceano. Paulo vai voltar para Guiné-Bissau, enquanto a cabo-verdiana Edneia escolhe seguir estudando Música no Brasil.

Em 2025, *Imigrante/Habitante*, de Cássio Tolpolar, saiu do mesmo certame com os prêmios de Roteiro e Montagem. O diretor ainda trabalha com Modou Awa Dieye na produção do curta *Malick*, sobre história verdadeira do jovem senegalês que foi vítima de tráfico humano.



O rapper angolano Kizua Trindade e o produtor nigeriano Idôwú Akínrúli

Entrevista com Bruna Paulin

Criadora e apresentadora do projeto "A História do Disco", a artista, comunicadora, curadora e produtora Bruna Paulin foi responsável pela pesquisa musical do curta "Canção Imigrante" e assina ainda o roteiro, ao lado de Stern e Guindani.

A pesquisadora explica que o proponente do projeto, Augusto Stern, é um grande parceiro de trabalho há quase 15 anos. "Em funções diferentes ao longo da vida, mas sempre trocando muito. E, quando ele trouxe a proposta, a ideia era que a gente fosse tentar trazer trajetórias e pontos de vista muito diferentes", detalha.

Continue a leitura da conversa com a profissional:

JC - Viver: Como foi o processo de pesquisa musical para *Canção Imigrante*? Podes contar um pouco da história desse projeto e como chegaram nesses três cases?

Bruna Paulin: Começou na busca dos personagens; não queríamos retratar realidades óbvias. Sabíamos que ia ter temas e vivências que iam costurar esses encontros, mas a ideia era que fossem pessoas de personalidades e trajetórias diferentes. Fizemos uma pesquisa bem grande; nossa ideia é que também tivesse algum imigrante árabe, sírio, enfim, mas nós não encontramos ninguém da música que tivesse disponível. Obviamente, entrevistamos mais pessoas do que esses três cases. O que fez a gente fechar essa seleção foi essa diversidade de personalidades e de trajetórias. A outra questão era disponibilidade, pois havia outros personagens que eram super interessantes, mas que não estavam mais em Porto Alegre quando a gente conseguiu viabilizar a produção. Então, tem uma questão prática, que é a própria viabilidade do projeto, execução, cronograma, estar presente para filmar, para ensaiar, e também essas trajetórias diversas que a gente acreditava que iam agregar nesse resultado final.

Viver: Há outros títulos realizados no RS nos últimos anos que abordam a relação dos migrantes com a música aqui neste território. Como voz especializada na área audiovisual, enxergas esse como um momento histórico, um marco delimitado na produção contemporânea na cena musi-

cal local?

Bruna: Sobre essas obras que estão surgindo aqui, acho que elas têm muito reflexo nisso, que eu estava falando desse ponto de partida. Cada vez que eu via uma pessoa de fora chegando em Porto Alegre, pensava: Nossa, que interessante vai ser se vierem músicos, ou se essas pessoas começarem a fazer música aqui. Essa mistura de sonoridades enriquece qualquer coisa. A nossa música brasileira é tão rica, tão abundante, exatamente porque a gente tem sonoridade dos povos originários, de pessoas vindas de África, sonoridades afrodiáspóricas. A gente tem música europeia, mas a gente também teve migração japonesa, coreana, árabe. Tudo isso influencia em fases diferentes da história da música brasileira e os ritmos regionais. Então, acho que isso é totalmente esperado, e também um retrato geracional do que a gente está enxergando. Vivemos uma onda migratória diferente de outras gerações que receberam outras. Acho que sim, é um marco histórico, porque está registrando nossa história nesse momento. Daqui a alguns anos, a gente vai olhar pra ele e tenho certeza que vai se conectar, vai lembrar de coisas e se surpreender.

Viver: Participaste da escolha do título para nominar o curta?

Bruna: Quando a gente falava de *Canção Imigrante*, era exatamente como a ideia do projeto era perceber um fluxo migratório diferente na cidade, enxergar figuras, corpos diversos que não faziam parte do nosso cenário antes e entender que essas pessoas trazem consigo as suas características culturais de cada local que vêm (a sua música, o seu ritmo, o seu jeito de cantar, de dançar). E a música brasileira é totalmente essa miscelânea de territórios e de personagens, de localidades diferentes. Ainda, mostrar como é que a nossa música vai ficar depois que essas canções imigrantes começarem a se misturar com o que a gente já produz aqui. Esse é o grande mote: como é que a música vai se adaptando às suas localidades e se misturando.

Viver: O que a nossa criação, da Capital e/ou do Estado, ganha musicalmente com o acréscimo, a entrada desses representantes de outras culturas tão ricas e tradições musicais

bastante distintas?

Bruna: Acho que a gente só ganha, não tem como não ganhar, porque quanto mais a gente enriquece o nosso ouvido, a nossa sensibilidade com outras sonoridades, mais interessante a fruição artística. Falando individualmente, o ouvinte, quanto mais ele absorve sonoridades, mais vivencia experiências sonoras diferentes, estéticas diferentes, está abrindo o ouvido pra possibilidades maiores, pra experiências mais ricas. O custo-benefício, vamos dizer, do ouvinte é genial. Da cena musical, vou me repetir um pouco, mas é um enriquecimento absurdo. Vamos transpor para a criação musical de Gilberto Gil e Caetano Veloso pós-exílio. Eles foram para lá e resgataram sonoridades ancestrais, trouxeram coisas que eles não tinham colocado ainda na música deles por conta da saudade do Brasil, da reconexão com a sua terra, por estar longe por ser migrante. Obviamente, já tinham conexão com a música contemporânea popular jovem britânica e norte-americana, mas tiveram muito mais porque estavam lá numa Londres explodindo com o rock britânico. Conheceram artistas de outros lugares do mundo (África, Jamaica, Caribe, Oriente) e ouviram música feita na Europa de outras nacionalidades. É óbvio que isso tudo contaminou da maneira mais positiva possível a produção musical. Então, é a mesma lógica.

Viver: Consegues lembrar de outros exemplos?

Bruna: Não tem nada de muito diferente, mas a popularização do candombe em Porto Alegre nos últimos anos. E isso obviamente tem a ver com gente do Rio Grande do Sul que está indo para o Uruguai passar férias ou trabalhar, participar do *Festival da Canção La Serena*. Assim como tem muito artista do Uruguai que vem para cá ou que mora aqui. Esse vai e vem de informação mais cedo ou mais tarde vai começar a aparecer nas obras.

Viver: Haveria algum ritmo, instrumentação ou nome que destacarias?

Bruna: Estou muito curiosa para enxergar o *cuatro* mais inserido nas criações, se misturando com sonoridades mais brasileiras. Esse instrumento de corda acústico venezuelano pequeninho, que lembra um cavaquinho.



Carol Zatt é jornalista cultural, mestre em Comunicação, especialista em Arqueologia e Patrimônio e pós-graduanda em Psicanálise. Membro da Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Sul (Accirs), é curadora e jurada em eventos artísticos.